

## **GÊNERO E XADREZ: A POSIÇÃO DA MULHER NO MUNDO ENXADRÍSTICO**

### ***GENDER AND CHESS: WOMAN'S POSITION IN THE CHESS WORLD***

Maria Isabel Trivilin<sup>1</sup> 

**Resumo:** O artigo tem por objeto de investigação a condição das mulheres no mundo do xadrez. Seu objetivo é analisar as relações sociais de gênero e as desigualdades presentes nesse universo, bem como a posição ocupada por mulheres nas competições desta natureza. Como parte de uma pesquisa mais ampla, ele conta com referenciais construídos a partir de instrumentos como levantamento bibliográfico e documental, dados quantitativos da Federação Internacional de Xadrez e da Confederação Brasileira de Xadrez, observação e registro em diário de campo e entrevistas com quatro destacados mestres de xadrez, de ambos os gêneros. Verificou-se, a partir disso, uma grande diferença de participação e permanência de homens e mulheres no esporte e, conseqüentemente, em seus resultados. Contrariando os argumentos de que tais discrepâncias possuem caráter congênito, imutável e apontam para uma inferioridade feminina no que diz respeito às habilidades intelectuais e emocionais, ressalta-se antes que a experiência de ter um gênero e o processo de socialização em uma estrutura social generificada coloca às mulheres outras questões e responsabilidades. A discussão passa pela formação do campo esportivo do xadrez e o lugar das mulheres; como os confrontos entre os gêneros nos tabuleiros se relacionam às expressões de feminilidade e masculinidade; como as diferenças nas pontuações e resultados são utilizados para justificar o baixo investimento e valorização do xadrez feminino; e, por fim, como a dedicação das atletas à vida competitiva profissional se confronta com as exigências e expectativas sociais de quais caminhos e atividades devem ser por elas seguidos, colaborando para a construção de um ambiente esportivo menos desigual e excludente.

**Palavras-chave:** Gênero. Esporte. Xadrez.

---

<sup>1</sup> Graduanda, Universidade Estadual de Maringá (UEM), beltrivilin@hotmail.com

**Abstract:** The article aims to investigate the condition of women in the world of chess. Its objective is to analyze the social relations of gender and the inequalities present in this universe, as well as the position occupied by women in competitions of this nature. As part of a broader research, it has references constructed from instruments such as bibliographic and documentary surveys, quantitative data from the International Chess Federation and the Brazilian Chess Confederation, observation and journal entry in the field and interviews with four outstanding masters chess, of both genders. It was found, from this, a great difference in the participation and permanence of men and women in sport and, consequently, in their results. Contrary to the arguments that such discrepancies have a congenital, immutable character and point to a female inferiority with regard to intellectual and emotional skills, it is emphasized before that the experience of having a gender and the process of socialization in a gender social structure places other issues and responsibilities to women. The discussion goes through the formation of the sports field of chess and the place of women; how the clashes between the genders on the boards are related to the expressions of femininity and masculinity; how differences in scores and results are used to justify the low investment and appreciation of women's chess; and, finally, how the athletes' dedication to a competitive professional life is confronted with the social demands and expectations of which paths and activities they should follow, contributing to the construction of a less unequal and exclusive sports environment

**Keywords:** Gender. Sport. Chess.

# 1 INTRODUÇÃO

Apesar de já ter utilizado o jogo de tabuleiro de maneira descomprometida na infância, foi no ensino fundamental de uma escola pública, em que a prática do xadrez se apresenta como alternativa para os dias chuvosos nas aulas de Educação Física ou para os alunos que não se identificam com as práticas esportivas físicas (OLIVEIRA; CARVALHO, 2011), que tive meu primeiro contato com o esporte. Logo apresentei uma grande curiosidade e gosto pela prática, participando em seguida dos Jogos Escolares do Paraná.

Depois vieram os Jogos da Juventude e o interesse foi aumentando na medida em que conhecia um universo totalmente novo, que transcende àquele reconhecido pelas pessoas que enxergam o jogo como instrumento, passatempo ou fonte de lazer. Passei a jogar por uma equipe de outra cidade e os treinos começaram a fazer parte da minha rotina, sendo incluída cada vez mais no âmbito dos torneios oficiais, ainda que como mera iniciante.

Quando o xadrez se colocou não apenas como divertimento ou prática recreativa, mas como uma abertura para a arena esportiva, as questões de gênero começaram a se mostrar evidentes e aguçaram minha curiosidade.

Este artigo é fruto de uma pesquisa, com material mais amplo, que parte de uma reunião bibliográfica a respeito das temáticas sobre gênero e esporte e gênero e xadrez, levantamento quantitativo de dados coletados nos sites da Federação Internacional de Xadrez (FIDE) e da Confederação Brasileira de Xadrez (CBX), junto a um trabalho de campo como árbitra em uma fase macroregional dos 65º Jogos Escolares do Paraná (JEP's) e como atleta nos torneios semanais do Clube de Xadrez de Maringá.

Entendendo que a elaboração de um trabalho etnográfico, conjugado ao exercício da observação participante, se apresenta como uma importante forma de produzir conhecimento a partir de um intenso envolvimento intersubjetivo (CLIFFORD, 2008), o uso que faço da primeira pessoa, além de justificativas antropológicas de definição da autoria e presença no texto (GEERTZ, 2009), se referem a essas experiências em campo. Experiência como atleta, que traz à lembrança uma presença participativa e um contato sensível com o mundo a ser compreendido e que pode ser também uma relação de afinidade emocional com

o grupo estudado (CLIFFORD, 2008, p. 36).

Como as bases da familiaridade e da distância em campo são mutáveis, segundo Marilyn Strathern (2014) na literatura sobre formas possíveis de estar “em casa” em campo, é importante considerar que as questões de gênero e os motivos da significativa desigualdade de participação e resultados de homens e mulheres é um assunto que emerge no próprio ambiente enxadrístico e levanta questionamentos entre os atletas. O que se alinha, em alguma medida, à preocupação de saber se investigador e investigado estão igualmente em casa em relação aos tipos de proposição que comunicam a investigação antropológica sobre a realidade social e, além disso, se há no produto de seu trabalho continuidade cultural com o que os membros da sociedade estudada produzem em suas narrativas sobre eles mesmos (STRATHERN, 2014, p. 134).

Considerando que o campo estudado, os torneios profissionais de xadrez, são de alguma forma conhecidos, ressalta-se, como faz Loic Wacquant em suas notas etnográficas como aprendiz de boxe (2002, p. 12), a relevância de uma sociologia a partir do “próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento”. Justifica-se, desta forma, a reprodução da experiência pessoal na atividade e a imersão corporal como atleta em um ambiente que, embora eu já estivesse incluída, passou por novo período de iniciação. Uma experiência em campo que traz o corpo e o gênero, em um esporte não físico, na intenção de acessar o que só é possível ao subir na prancha (BANDEIRA; RUBIO, 2011), entrar no ringue (WACQUANT, 2002) ou sentar diante de um tabuleiro de xadrez.

Para além da experiência e da interpretação, como possíveis e eficientes formas de garantir a autoridade etnográfica, é possível olhar para a etnografia, segundo os paradigmas de diálogo e polifonia, como uma negociação construtiva entre sujeitos (no plural) conscientes e politicamente relevantes (CLIFFORD, 2008, p. 41), que possuem gênero e um lugar na estrutura social. Nesse sentido, a pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo inclui também entrevistas, com análises biográficas de quatro destacados mestres de xadrez brasileiros, de ambos os gêneros – um Grande Mestre, um Mestre Internacional e duas Mestres mulheres – na tentativa de compreender as diferentes posições a eles atribuídas e as dificuldades que enfrentam por suas distintas condições de gênero.

Buscando contribuir com os estudos de gênero no campo esportivo que, nos últimos tempos, tem se mostrado um importante terreno de investigação para as ciências sociais, este trabalho se apresenta. Ele é fruto de uma pesquisa de iniciação científica que analisa a condição das mulheres no mundo do xadrez, as relações sociais de gênero e suas possíveis desigualdades nesse universo. Ao objetivo geral soma-se o intuito de explorar o ambiente esportivo como um campo de análise da prática social e de construção de feminilidades e masculinidades, desmistificando características supostamente inatas dos atletas.

A discussão passa, primeiramente, pela formação do campo esportivo do xadrez, com suas peculiaridades em relação aos esportes físicos e o lugar das mulheres. Depois, como os confrontos entre os gêneros nos tabuleiros se relacionam às expressões de feminilidade e masculinidade e como as diferenças nas pontuações e resultados são utilizadas para justificar o baixo estímulo, investimento e valorização do xadrez feminino. E, por fim, como a dedicação das atletas à vida competitiva profissional se confronta com as exigências e expectativas sociais de quais caminhos e atividades devem ser por elas seguidos, colaborando para a construção de um ambiente esportivo menos desigual, excludente e mais aberto à participação feminina.

## **2 FORMAÇÃO DO CAMPO ESPORTIVO E O LUGAR DAS MULHERES**

A prática esportiva tem se mostrado, há muito tempo, como um espaço de construção e identificação de papéis sociais ligados a homens e mulheres. O xadrez, embora considerado um esporte intelectual, não se desvencilha dessa realidade, já que é majoritariamente ocupado por homens e a presença feminina ainda aparece como elemento de tensão das representações culturalmente construídas para e sobre o feminino. A bibliografia indica que os posicionamentos e o lugar estrutural que ocupa uma mulher na sociedade produz experiências particulares e específicas compreensões dos processos sociais (YOUNG, 2006). Logo, pode, também, o ambiente enxadrístico ser encarado como um espaço político de reivindicação e transformação das relações de gênero em razão das

questões que envolvem o acesso, o reconhecimento e as condições de participação e permanência no esporte, destacando a necessidade de representação política das mulheres nos mais diferentes espaços.

Os esportes, de forma geral, passam por um processo de generificação que lhes atribuem uma identidade mais masculina ou feminina, o que influencia no julgamento dos atletas que os praticam, causando tensões, principalmente quando estes têm gêneros contrários ao predominante no campo (MELO; GIAVONI; TROCCOLI, 2004, p. 252). Se, por um lado, nos esportes físicos há uma identificação mais clara dessas fronteiras, daqueles que “masculinizam” a mulher ou “feminizam” o homem, em razão do julgamento de que, por natureza, os homens deveriam dedicar-se aos esportes que exigem mais força, esforço e movimentos violentos, publicizando suas características viris; por outro lado, nos que não precisam se valer da força física, as mulheres teoricamente se adequariam melhor, já que estariam livres para exibir sua docilidade, sensibilidade, suavidade de movimentos e fragilidade sobretudo em razão da reprodução (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 57-58).

No entanto, em contraponto aos esportes físicos que abriram suas portas timidamente no fim do século XIX para as mulheres, a fim de que pudessem melhorar suas formas femininas e prepará-las para a reprodução futura, com exercícios de auxílio ao bem-estar físico quando assumissem a maternidade (SOUSA; ALTMANN, 1999), os esportes intelectuais não partilhavam dessas vantagens, o que indica maiores dificuldades de inserção da mulher em sua esfera profissional.

Além disso, até 1975 vigorava o Decreto-Lei 3.199 – estabelecendo as bases de organização dos esportes no Brasil – incluindo um artigo específico (Art. 54) considerando que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza” (BRASIL, 1941). Considerando os estereótipos de gênero mencionados e o agrupamento de traços de personalidade opostos nos conceitos de masculinidade e feminilidade, que se apresentam como construtos sociais definidores de características de homens e mulheres, os individualistas são definidos como concernentes à masculinidade – incluindo a independência, agressividade e racionalidade – e os traços expressivos como ligados à feminilidade (MELO; GIAVONI; TROCCOLI,

2004, p. 252). As questões de gênero são acionadas, nesse sentido, para a análise deste campo esportivo por vigorarem apreciações subjetivas sobre limitações e diferenças emocionais, intelectuais e de equilíbrio, já que por feminilidade não entende-se apenas a questão física, mas a emocional e racional da mesma forma.

O ambiente enxadrístico, especificadamente, possui regras e convenções peculiares que permitem selecioná-lo como um espaço para se pensar a categoria gênero, dentro de suas estruturas esportivas e nas relações sociais que o constitui. Ele é utilizado há muito tempo para alegorizar momentos históricos e políticos da humanidade, estabelecendo relações do jogo com as estratégias de guerra e processos de transformação social ocorridos e destacando que a batalha de ideias presentes em outras arenas também se expressam no tabuleiro (JOHNSON, 2013). Ao invés do corpo, o referido esporte possui como elementos principais o trabalho com o intelecto e as condições psicológicas e cognitivas do indivíduo.

Como parte do processo de constituição do campo, desde o jogo e de suas teorias até se tornar um esporte olímpico, não pretende-se pensar em uma origem fixa – que inclui inúmeras histórias fantásticas e alguns escritos o datam do século IV a.C. (LASKER, 1999) – mas analisar suas relações e práticas ao longo do tempo.

No século XVIII foram fundadas as primeiras federações esportivas na Europa e os primeiros clubes criados por pessoas interessadas na prática como jogadores ou espectadores. Organizações estas, aliás, que ocupam papel essencial no desenvolvimento do esporte em relação a seu nível anterior (considerado como *hobbie* ou passatempo), já que até esse momento de transição eram reguladas de acordo com as tradições locais. (ELIAS; DUNNING, 1996, p. 53)

Em 1851 realizou-se o primeiro torneio internacional, em Londres, e a popularidade do jogo e das competições acabou por criar o título de campeão mundial, vencido pela primeira vez por Wilhelm Steinitz em 1886. Quase quarenta anos depois, em 1924, é fundada, em Paris, a Federação Internacional de Xadrez (FIDE), tendo como primeiros eventos organizados a Olimpíada de Xadrez, vencida pela equipe húngara e o Campeonato Mundial Feminino,

vencido por Vera Menchik, ambos em 1927.

É preciso considerar, além disso, que o xadrez foi reconhecido como esporte pelo COI (Conselho Olímpico Internacional) apenas em 1999, o que tarda a sua análise, já que antes tratava-se apenas de um jogo de tabuleiro e toda a literatura produzida até então não poderia incluí-lo, embora fosse praticado no mundo todo, por não ser ainda reconhecido oficialmente. Categorizado entre os esportes da mente, é também representado pela IMSA (*International Mind Sports Association*) em que incluem-se além do xadrez, o bridge, damas, poker e go. Na Carta Olímpica, a prática esportiva ainda é apresentada como um direito humano e é ilustrado um contexto ideal em que as pessoas devem ter a possibilidade de praticar esportes sem discriminação de qualquer ordem, reiterando o espírito olímpico de solidariedade, compreensão mútua e jogo limpo. (Olympic Charter, 2016, p.11)

Percebe-se que, a criação de um quadro de regras e costumes sociais relacionados e impostos ao jogo em seu nível mais alto de integração, condição básica para a transição de um passatempo para um esporte, bem como o desenvolvimento de um órgão de supervisão a fim de garantir que as regras fossem cumpridas são primordiais nesse processo de passagem. Além do que, através de tais regras, os esportes passaram a assumir um caráter próprio, que no nível das competições locais tradicionais não havia, já que jogo e jogadores eram muito próximos e se misturavam (ELIAS; DUNNING, 1996, p. 53). Compreender como as convenções e normas do xadrez se expressam e como são peculiares é, pois, se remontar a elas encarando suas constituições como incorporadas pelas pessoas que o praticam.

Com o objetivo de classificar os enxadristas em diferentes níveis de pontuação e força, a FIDE, a ICCF (*International Correspondence Chess Federation*) e as federações nacionais atualmente utilizam o sistema de *rating* ELO, que consiste em um sistema estatístico baseado na ideia de que a performance de cada jogador em suas partidas é uma variável aleatória e concebe assim a sua força de jogo com uma média entre o desempenho de todos os outros jogadores em determinado torneio. A FIDE adotou o sistema ELO em 1970 e ele foi reconhecido como o método mais apurado e justo até então,

tendo Magnus Carlsen<sup>2</sup> alcançado o mais alto *rating* da história (2861 pontos). (*En.chessbase, Arpad Elo and the Elo Rating System*)

Após precisar as performances dos jogadores em números, deu-se uma classificação de *ratings* com títulos vitalícios a eles associados, pela FIDE, em uma linha crescente de quatro titulações que são reconhecidas e prestigiadas mundialmente: Candidato a Mestre (CM), Mestre Fide (MF), Mestre Internacional (MI) e Grande Mestre (GM). Além, por óbvio, do título de campeão mundial, Grande Mestre (GM) é o título máximo que um enxadrista pode alcançar, conferido aos mestres de nível internacional que conseguem atingir 2500 pontos e três normas em competições de Grandes Mestres envolvendo pelo menos dois competidores estrangeiros. O Mestre Internacional (MI) possui condições semelhantes às do primeiro, porém com um *rating* de 2400 pontos e as três normas em competições de Mestres Internacionais; o Mestre Fide (MF) deve ter *rating* de no mínimo 2300 pontos, sem a existência de normas; e, por fim, o Candidato a Mestre (CM) alcança esta posição ao conseguir um *rating* mínimo de 2200 pontos. Além disso, para as duas maiores titulações (GM e MI) é necessário obter, em cada competição de conquista das normas, o *rating* performance adequado, que no caso dos GMs deve ser superior a 2600 pontos (FIDE, Handbook, 2017).

Existem duas categorias no xadrez: a absoluta (que é indistinta ao gênero, mas é por vezes confundida como masculina em razão do domínio numérico de homens) e a feminina (restrita às mulheres). A reposta de Lászo Polgar, pai de três enxadristas húngaras que modificaram o cenário feminino no xadrez, uma delas, Judit, após ocupar a 10<sup>a</sup> colocação no ranking geral mundial, ao ser questionado se haveria um tempo em que uma mulher venceria o campeonato mundial de xadrez masculino, explica essa estrutura de classificação:

You express yourself incorrectly. A woman will never become a men's chess world champion because the title "men's chess world champion" does not exist. A world chess champion can be a man or woman.

---

2

Grande mestre norueguês, atual campeão do mundo desde 2013. Conquistou o título (GM) aos 13 anos de idade.

Kasparov's title is not "men's champion," but simply chess world champion. For a long time the game of chess has been such a men's activity that the creators of its rules did not even expect it to be called a "men's" competition. So there is no such thing as a men's chess competition. (POLGAR, 1989)

Os títulos acima mencionados podem ser conferidos a ambos os gêneros e constituem uma importante ferramenta para analisar as diferentes colocações de homens e mulheres e a quantidade existente de mestres de cada um. Entretanto, há também títulos específicos para elas – WCM (*Woman Candidate Master*), WMF (*Woman FIDE Master*), WMI (*Woman International Master*) e WGM (*Woman Grand Master*) – com *ratings* diferenciados e menores. Para alcançar o título de WCM é preciso 2000 de *rating* (diferente do anterior que necessita de 2200); para WFM é preciso 2100 de *rating* (enquanto na categoria geral necessitaria de 2300 pontos); para o título de WIM é preciso 2200 pontos e três normas necessárias, diferente do anterior que necessita de 2400 pontos; e para alcançar o mais alto título próprio da categoria feminina, WGM, é preciso alcançar 2300 pontos (e as três normas necessárias nos torneios profissionais); ou seja, a mais alta colocação do feminino (WGM) é equivalente a uma das mais baixas do masculino (MF).

Nesse sentido, é curioso pensar que diante de combates entre um homem e uma mulher, o *rating* nem sempre é levado em consideração com o mesmo rigor, muitas vezes sendo consideradas de nível mais fraco até mesmo atletas que possuem *ratings* iguais ou superiores aos homens – o que constitui uma certa contradição, já que o *rating* ELO, desde a sua criação, deveria ser capaz de expor as probabilidades de vitória para cada confronto a ser realizado.

Nas palavras de Elias (1996, p. 54), cada esporte possui sua fisionomia própria e atrai pessoas com determinados traços de personalidade, devido a sua relativa autonomia tanto em relação aos praticantes em um certo período, como quanto à sociedade em que se desenvolveu, embora não abandone essas variantes iniciais. Entender isso não é crer que cada esporte possui, de antemão, um gênero específico e um determinado tipo de indivíduo que pode praticá-lo ou não, embora exista uma expectativa de indivíduo ideal para cada prática. Como são os esportes avaliados em termos de gênero, o futebol, as lutas e o fisiculturismo, por exemplo, se apresentam contundentemente como esportes

masculinos e a dança e a ginástica rítmica como femininos. Já no xadrez, aparentemente, mulheres e homens poderiam igualmente participar sem assumirem uma imagem e posição masculinas ou femininas demais. Acontece que a partir do momento em que a racionalidade é identificada como um dos elementos da masculinidade, o ambiente enxadrístico pode ser considerado masculino e a presença de mulheres representam uma fuga desta ordem e um caminho contrário a sua designação natural.

Esta tensão de não estar em seu lugar, no caso das mulheres, aparece, sobretudo, quando os gêneros se confrontam no tabuleiro, pois se em disputas entre homens o vencedor adquire um incremento simbólico à própria masculinidade (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 884), a perda de um mesmo duelo para uma mulher pode significar uma espécie de humilhação, marcando o local de disputa não apenas pelo desejo de vitória, mas porque se perder já é ruim e vergonhoso, perder para uma mulher é duplamente.

Tanto em outras culturas como em muitas ocidentais a disputa entre homens aparece como parte da afirmação social da masculinidade e a aceitação de desafios como uma de suas medidas (GASTALDO; BRAGA, 2011). Em função disso, os homens sentiriam maior responsabilidade em vencer as mulheres, demonstrando toda a obrigação, também moral, que o homem tem para com o comportamento que culturalmente espera-se dele. Fato que pode ser observado tanto nos torneios profissionais de xadrez, quando perder para uma representante do feminino pode se tornar símbolo de vergonha e transformar o homem em chacota entre as equipes, como nas quadras em aulas mistas de Educação Física:

Jogar com as meninas não era um desafio para os meninos, pois um bom desempenho contra meninas não lhes creditava qualquer mérito especial, e jogar pior do que elas era um vexame, pois ia contra a expectativa de superioridade masculina nesse universo. Desse modo, jogar com meninas representava para eles não um desafio, mas uma ameaça. [...] (ALTMANN, 1998, p. 98-99)

De forma oposta, a mulher superar o homem com suas habilidades é um questionamento da construção de superioridade masculina e simboliza um sinal de resistência à ideia de sua suposta inabilidade. Trata-se não apenas de vencer os homens em modalidades majoritariamente masculinas, mas de fazer isso com

a compreensão de que não se está jogando “como um homem”, como é comum nos discursos frente a mulheres profissionais de alto nível – “mulher quando joga bem, joga como homem”.

É sobre isso que comenta a Mestre Internacional Feminina e tetracampeã nacional de xadrez, que relata já ter jogado torneios com oitenta homens sendo a única mulher. Ao ser perguntada sobre as diferenças e possíveis dificuldades sentidas nas grandes competições, diz o seguinte:

E aí a gente sente também quando vai jogar, tem algumas pessoas do sexo masculino que não gostam de perder pra você. É um sentimento, eles não expõem pra fora, mas você sente que eles ficam um pouco mais abalados porque você é mulher, né. (Mestre Feminina 1, 2018)

Talvez tenha sido por essa dificuldade que Garry Kasparov<sup>3</sup>, um dos mais destacados jogadores da história, precisou realizar uma manobra proibida e contrária às regras do esporte para não perder para uma menina de dezessete anos. O fato ocorrido no importante torneio em Linares (1994), um tradicional evento no calendário mundial, foi notícia no mundo enxadrístico, já que o jogador russo voltou seu cavalo de um lance perdedor, mesmo já tendo largado a peça no tabuleiro e moveu outra (o que é proibido segundo as regras do esporte), tudo para não perder de Judit Polgar<sup>4</sup>. Posteriormente, a enxadrista comentou ter sentido receio em reclamar contra um jogador da estirpe de Kasparov, mas ainda durante o torneio um vídeo da partida comprovou a irregularidade e quando a equipe de arbitragem resolveu não puni-lo, Judit tentou tirar satisfações sobre sua conduta e ele se privou a declarar em público que sua consciência estava tranquila. Sem dar muita atenção aos comentários, afirmou, além disso, que o lugar de uma mulher era cuidando dos filhos, o que é totalmente compreensível diante do acontecimento: para sua performance no torneio e seus pontos de

---

<sup>3</sup>Grande Mestre (GM) russo, escritor, ativista político e ex-campeão mundial por dez anos. Liderou o ranking mundial quase continuamente de 1986 até sua aposentadoria em 2005. Em 2017 retornou aos tabuleiros.

<sup>4</sup>Grande Mestre (GM) húngara, a enxadrista com maior expressão no ranking mundial de todos os tempos. Liderou o ranking feminino por mais de 25 anos e já esteve entre os 10 melhores do mundo na categoria geral. Incluindo vitórias sobre consagrados campeões mundiais, foi campeã olímpica duas vezes e, aos 15 anos, quebrou o recorde de Bobby Fisher tornando-se a mais jovem Grande Mestre do tabuleiro. Aposentou-se em 2014, aos 38 anos, e atualmente é a principal organizadora do Festival Anual Global de Xadrez, autora de vários livros premiados e se dedica a projetos educacionais, utilizando o esporte, para crianças na Hungria.

*rating* muito melhor seria se ela tivesse permanecido afastada do ambiente competitivo.

A dificuldade masculina em lidar com a perda parece se expressar nos mais diferentes níveis do esporte, do profissional ao amador e à prática de competições locais, como pude presenciar, na condição de atleta, em uma tarde no Clube de Xadrez de Maringá. Se a aceitação de desafios é masculina, o que cabe em disputas com mulheres? Se um homem, no contexto das competições, se sentir ameaçado, ele pode se recusar a continuar o jogo e até mesmo não aceitar concluir a partida.

Em uma das últimas rodadas de um torneio amador, sem concorrência de *rating* local, enfrentei um homem de mais ou menos cinquenta anos que figurava entre os melhores do clube. Eu estava de brancas, ele jogava uma variante da Defesa Francesa<sup>5</sup> e minha resposta à variante das trocas não foi a clássica. Assim que realizei o lance, ele com tom de professor em um momento que definitivamente não cabia, tratando-se de disputa e não de treinamento, me explicou: "Esse não é o melhor, não se joga isso normalmente, tá?" e comentou que se seguisse assim, o avanço dos peões pretos causaria muitos problemas às brancas. Eu, cordialmente, concordei e seguimos. Se estivéssemos analisando uma partida ou jogando sem tempo suas observações seriam aceitáveis, mas não se toma uma atitude como essa no meio de uma partida da modalidade relâmpago, em que cada jogador possui um tempo de três minutos com dois segundos de acréscimo.

Fiquei esperando o avanço dos bravos e destruidores peões pretos e eles não vieram. Estávamos bem igualados, até que eu perdi a qualidade (*déficit* material de dois pontos) e então sacrifiquei o Cavalo em uma captura por peões de seu roque, na tentativa de debilitar a estrutura e expor o Rei. Quando fiz o lance, ele exclamou na mesma hora: "Nossa, boa ideia para o problema da qualidade! Não tinha visto". Embora nós dois possuíssemos possibilidades interessantes, ele estava com uma considerável superioridade no tempo (mais

---

<sup>5</sup>A partida de xadrez é dividida em três fases: abertura, meio jogo e final. As aberturas são sequências de movimentos iniciais e a Defesa Francesa é uma das alternativas escolhida pelo jogador das pretas, que se produz após os lances 1. e4 e 2. e6. Para cada abertura, existem suas variantes e uma das variantes da Defesa Francesa é a Variante das Trocas.

de um minuto contra cerca de trinta segundos), o que tornava a situação difícil para mim.

Nesse momento do relógio, ainda em sua vez, ele me pediu licença e tirou o celular do bolso. Continuou sentado e começou a teclar alguns números com o aparelho quase em meu rosto, já que estava sem óculos e dizia não enxergar bem o visor de perto. Tentou fazer uma ligação e enquanto isso seu tempo corria. A pessoa do outro lado não atendia e ele continuava tentando. Quando seu relógio marcou menos de trinta segundos – ou seja, agora era ele quem estava quase perdendo por tempo, propositalmente – eu perguntei se gostaria que eu parasse o relógio, pois não teria problemas em esperar que ele completasse a ligação. Recusou e depois de alguns segundos retornou à partida. Quando o fez, tinha menos de vinte segundos restantes e mantinha uma expressão segura como se quisesse dizer: "sim, ganharei mesmo com pouquíssimos segundos". O resultado foi que seu tempo caiu e ele perdeu. Olhei, pasma, e indiquei que a seta havia caído e ele, cinicamente, concordou com desprezo, se levantou e me deixou arrumando as peças sozinha.

Nem de longe esse é um comportamento comum no esporte, em jogos amadores ou em espaços entre amigos, pois espera-se que os frequentadores de um clube estejam ali para jogar xadrez. Ele iniciou a partida como um tutor e, depois, como se não tivesse um adversário digno para uma partida séria, se recusou a continuar jogando contra uma menina. Certamente não teria acontecido o mesmo se o homem estivesse perante o tabuleiro com qualquer outro daquela sala, mesmo havendo meninos do mesmo nível e piores que eu, mas contra uma mulher, parecia ter ele o direito e a legitimidade de descumprir algumas convenções.

É interessante perceber que, apesar da modalidade, da idade dos competidores e dos espaços que estão incluídos, a ameaça da superioridade feminina e o incômodo são muito semelhantes aos descritos por uma aluna da 5ª série em jogos de queimadas com meninos: “Ludimila contou que não gostava de jogar com meninos, *porque se a gente queima um menino, ele não aceita, fica avacalhando, não deixa a gente jogar. Menina já aceita mais.*” (ALTMAN, 1998, p. 68)

Esse trato, entretanto, ainda que envolva mulheres de diferentes níveis, não é homogêneo. Parece haver diferenças no respeito e tratamento que recebem as enxadristas, dependendo de seu lugar social e sua condição no esporte: quando uma atleta tem no currículo inúmeras vitórias contra fortes jogadores é, em geral, mais respeitada, também pela influência e pela maior dificuldade de desqualificação de suas conquistas. Essa questão pode ser percebida em uma entrevista dada por Judit Polgar:

Folha – Você sofre algum tipo de discriminação por estar competindo contra homens?  
Polgar – Não, um pouco. Antes havia muito mais (discriminação). Hoje, eu acho que não mais; não comigo. (DIAS, 1996)

Sua delimitação na resposta e aparente dúvida são bastante significativas se for considerado que, por um lado, não é tão fácil discriminar uma mulher como ela, se comparando a outras enxadristas de menor posição, e por outro, o fato de que a discriminação ainda existe, mas com uma percepção menor do preconceito pelo elevado lugar que ocupa – assim como grandes jogadores de futebol podem não se considerar vítimas de racismo por não enxergarem a opressão, o que não significa que ela inexistia. No entanto, o respeito forçado conseguido por algumas enxadristas não exclui, nem silencia as tantas vozes violentas sobre as outras que são subjugadas e subestimadas nas competições.

Muitos jogadores, no anseio de encontrar uma resposta para a performance atípica de Polgar – que contraria com a carreira e o tipo de educação defendida por seu pai ao integrar as filhas nos torneios absolutos, fazendo com que jogassem entre homens e os vencessem, acreditando que as mulheres atingiriam os mesmos resultados se fossem criadas condições sociais, psicológicas e estruturais igualitárias no esporte (POLGAR, 1989) – preferem dizer que ela não é uma menina, mas uma exceção. Há no caso dessa jogadora uma insistente crença de que ela é tão excepcional que não se justifica aplicação dos limites do esporte para as mulheres, pois sua trajetória suspende a provável incapacidade intelectual e emocional feminina.

Esse discurso de inabilidade é justificado, em termos quantitativos, pela grande diferença de participação e resultados entre os gêneros no xadrez, ganhando corpo ao percebermos os rankings mundiais e brasileiros das

categorias absoluta e feminina, em que as melhores do feminino nem se aproximam, tratando-se de *rating* FIDE, dos primeiros colocados masculinos da categoria geral. O resultado superior dos homens coloca-os, nesse sentido, como referência, a-histórica e sem considerar os demais elementos institucionais e sociais, de habilidade em relação ao qual o feminino é comparado.

A referida distância entre “jogar bem” e “jogar bem no feminino” é também utilizada como justificativa para o baixo estímulo, investimento e valorização financeira das atletas, o que coloca o problema em uma espécie de círculo vicioso de causa-efeito: elas não jogam no mesmo nível, por quê? Porque não há investimento e não se criam iguais condições. Por que não se criam? Porque elas não jogam no mesmo nível.

Analisando *folders* de divulgação de torneios, nota-se sem dificuldade, que os prêmios femininos são normalmente menores e o investimento no xadrez, incluindo bolsas de contratação, salários e patrocínios, também. Mulheres recebem menos que homens jogando na mesma equipe, o que parece recorrente em outros esportes, como o futebol (BCC, 2014) e o surf, segundo BOOTH (2001, p. 8-9):

[...] Women typically received only a fraction of what men earned. Men competed for A\$95,000 in the 1984 Beaurepaire Open, women for A\$5,000. [...] And as far as men were concerned the problem was simple. According to James Brisick, who had recently retired from the men's professional circuit, "there's only a small number of girls surfing at a level that...will stand up as... 'good surfing' as opposed to 'good for a girl. (BANDEIRA; RUBIO, 2011)

Ouve-se, portanto, com frequência, que pode até haver boas enxadristas, mas são boas apenas na categoria feminina. É evidente que, em uma tentativa de localizar o xadrez no conjunto dos demais esportes e níveis (nacional e internacional), em termos de investimento, é necessário ressaltar que sobreviver de xadrez é ainda mais difícil no Brasil. A própria integração às grandes competições já requer que o atleta tenha, pelo menos, condições mínimas ou auxílios capazes de arcar com os custos de treinamento e com as viagens para as competições.

Mesmo para os melhores jogadores do país, o esporte não oferece condições de seguir uma carreira por ele mesmo, sem que haja outras fontes de renda relacionadas ao esporte – realizando treinos, simultâneas, exposições,

palestras ou na arbitragem – o que diz muito sobre um campo esportivo que pode ser ainda considerado elitista. Diferente do futebol, do voleibol e de outros esportes físicos, aos atletas de xadrez, no Brasil, não é ofertada ascensão econômica, de status social ou mediático, o que restringe os grandes nomes do esporte aos limites do próprio campo. Até mesmo um dos melhores jogadores do país, campeão brasileiro por muitos anos, explica as dificuldades enfrentadas:

Não, hoje em dia eu não sou enxadrista profissional no sentido de jogar torneios. Infelizmente com o apoio que se dá para o xadrez no Brasil, eu passaria fome ou não teria condições de ajudar no sustento da minha família se eu fosse só jogador de xadrez. Tem torneios caríssimos, os campeonatos dão pouca premiação, muitos organizadores não oferecem condições decentes para os melhores jogadores do país, a confederação não apoia os jogadores, então é uma série de situações... (Grande Mestre, 2018)

Em outros casos, ainda, jogadores profissionais, até Grandes Mestres, optam por seguir com atividades em outras áreas pelos mesmos motivos. Nas palavras da Mestre Feminina entrevistada fica bastante nítido esse objetivo, com certa decepção pelo campo esportivo não oferecer condições justas para a permanência dos atletas:

Eu gostaria de ter uma profissão outra sabe, que não fosse depender do xadrez, porque é muito difícil depender do xadrez. Envolve um pouco de críticas, depende de alguém pra te apoiar, não depende só de você trazer resultados, de você ser boa no que faz. Então é um pouco desanimador, porque você constrói toda uma carreira, uma vida em que você se dedica ao esporte e às vezes não tem aquele retorno que você precisa como atleta também, pra sobreviver e continuar jogando. Então hoje a minha ideia é ter uma outra profissão e seguir com o xadrez, porque eu gosto do xadrez e não depender daquilo. (Mestre feminina 1, 2018)

A falta de investimento gritante se comparado a outros países, além da tradição e dificuldade de popularização do esporte traz também outros pontos importantes a serem pensados e que justificam o fato de que os esportes mentais, incluindo o xadrez, ainda não fazem parte dos Jogos Olímpicos e apresentam dificuldade de disseminação midiática:

Daí porque xadrez também é mais difícil, porque as vezes o vôlei e outras modalidades acabam tendo visibilidade com o público sabe, as pessoas podem assistir, passa na tv... O xadrez é aquele ambiente mais silencioso, é mais fechado, então falta às vezes patrocínio, porque eles também não tem aquela vontade e interesse de patrocinar quem não vai ser visto, né. Então vira assim um ciclo. (Mestre Feminina 1, 2018)

Sabe-se que o esporte, desde os seus princípios, nunca se referiu apenas aqueles que o praticavam, mas também às competições realizadas para o gozo dos espectadores se colocam como elemento importante. (ELIAS; DUNNING, 1996, p. 37) No Brasil, diferente das histórias de Moscou em dias de competição, o trânsito não para porque as pessoas estão afoitas para chegarem à porta do edifício onde acontecem os *matches* do campeonato mundial. Os torneios, mesmo que abertos, não reúnem grandes públicos, senão os próprios integrantes e participantes do esporte. Pode-se dizer, em resumo, que xadrez não vende no Brasil. E se falta interesse de patrocínio pela própria ausência de público e espectadores, como comenta a atleta, o esporte é mergulhado em uma espécie de invisibilidade. Se atletas do futebol feminino, esporte principal do país, enfrentam falta de reconhecimento semelhante, a mulher enxadrista estaria duplamente invisibilizada: tanto exteriormente, dentro de um país que não tem muita proximidade com o xadrez, como dentro das próprias fronteiras enxadrísticas em que o interesse maior se dá pelas partidas masculinas.

### **3 O GÊNERO NOS PÓDIOS**

Essas fronteiras de gênero e a oposição dicotômica entre masculinidade e feminilidade não são frutos do acaso nem de uma escolha feminina. As mulheres nunca opuseram valores femininos aos masculinos, mas foram antes os homens, plenos de suas escolhas, segundo pensadoras como Simone de Beauvoir (2016, p. 99), interessados em manter as prerrogativas masculinas que inventaram essa divisão e seguem usufruindo dela em suas estratégias de manutenção do poder e da dominação.

A diferença de resultados e as ausências de participação, nesse sentido, não se referem a confirmação da incapacidade feminina, tampouco a condutas que “se denunciam ditadas à mulher pelos seus hormônios ou prefiguradas nos compartimentos de seu cérebro” (BEAUVOIR, 2016, p. 407), mas a experiência de ter um gênero – que é “constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86) – coloca às mulheres outras questões e responsabilidades.

É o que pode ser percebido pela fala da Mestre brasileira, quando discorre sobre a dificuldade de se desvencilhar das responsabilidades durante uma partida, já que diferente das outras meninas do ranking nacional, é também mãe:

É, eu acho, assim uma opinião bem particular, mas eu acredito que o homem tem algumas características que facilitam pra ele jogar xadrez, sabe. É como no meu caso, eu sou mãe, diferente das outras meninas que jogam, mas nenhuma é mãe. A gente tem outras preocupações, não tem como eu jogar e simplesmente tirar essas preocupações na hora de jogar como o homem faz. A mulher acaba sendo sempre mais emotiva, não é que todas sejam assim né, a gente tem essa tendência de ser mais emotiva, então se de repente alguma coisa acontece antes da partida, se você tá com algum problema, é difícil pra mulher separar as coisas, pro homem ele é muito mais frio nesse sentido. (Mestre feminina 1, 2018)

As tais “características que facilitam ao homem jogar xadrez” dizem respeito às expectativas sociais que levam ao desenvolvimento de habilidades diferentes para ambos os gêneros. Há uma orientação dessas atividades – e por isso a hegemonia masculina em algumas práticas esportivas e a feminina em outras – que correspondem a posições valorizadas distintamente, conduzindo a diferenças e à assimetria nos recursos disponíveis.

Longe de opor as esferas pública e privada como se fizessem referência a lugares e tempos distintos na vida das pessoas e como se os seus domínios pudessem ser interpretados isolados um do outro (OKIN, 2008, p. 314), um olhar para as responsabilidades femininas na esfera doméstica e de criação dos filhos, o que implica, portanto, na defesa de relações mais justas na esfera privada, permitem a reflexão sobre os papéis convencionais de gênero e expõem suas implicações para a participação de mulheres e homens na vida pública de forma paritária (BIROLI, 2014, p. 34).

Não por acaso a faixa etária diferente das atletas e a quantidade inferior de mulheres casadas que se dedicam à vida esportiva, a menos que o próprio marido seja pertencente ao campo, em relação aos homens que podem ter uma esposa e filhos e se aventurar com mais facilidade em uma rotina competitiva fora do espaço privado. Isso porque o mundo do trabalho tradicionalmente se estruturou com a pressuposição de que os homens têm esposas em casa (OKIN, 2008, p. 311), o que permitem que se dediquem mais livremente às exigências profissionais de uma carreira mais lucrativa econômica e socialmente.

Assim, é preciso considerar, na discussão entre agência individual e estruturas sociais, que as preferências são socialmente aprendidas e motivadas, bem como as identidades dos indivíduos, o que significa que as pessoas realizam escolhas que impactam na definição de suas vidas, mas que estas “são feitas em meio a pressões, interpelações e constrangimentos que não são necessariamente reconhecidos como tal” (BIROLI, 2013, p. 82).

Pensando nisso, os obstáculos que são postos às mulheres na busca por posições de maior autoridade, prestígio e poder, que interferem em seus treinos, sua disponibilidade para viagens e eventos, têm a ver também com o tempo despendido do trabalho não remunerado na esfera doméstica e com as expectativas pessoais e socialmente reforçadas de que são as principais – e em muitos casos, as únicas – responsáveis pelo cuidado dos filhos, o que explica a tendência maior ao casamento e a cumprir as exigências desses papéis que são a elas atribuídos (BIROLI, 2014, p. 35).

Um exemplo elucidativo dessa questão foi a aposentadoria precoce de Judit Polgar que encerrou sua jornada de competições para se dedicar à família e aos filhos. Além dela, no ranking brasileiro feminino podemos observar esta tendência pela quantidade inferior de mulheres acima dos 30 anos e casadas que continuam a competir. O mesmo fenômeno pode ser observado em outras modalidades, como na fala da atleta olímpica Aída dos Santos, especialista no salto em altura, que se casou somente após encerrar a carreira, em torno de 1972, e relata as dificuldades enfrentadas em seus dezessete anos de relacionamento com o atual marido, em razão da rotina profissional de competições (FARIAS, 2011):

“Ele via sair no jornal assim: 'Brasil vai viajar'. Aí ele me perguntava: - 'você vai viajar outra vez?'. E eu dizia: - 'não, não acredita nesses jornais não'. Então várias vezes ele chegava lá em casa no dia da minha viagem e mamãe dizia: - 'já foi para o aeroporto'. Teve dia dele chegar no aeroporto, pegar a minha mala e dizer que eu não ia viajar. Ele puxava minha mala para cá, puxava para lá. Quando tinha oportunidade, ele pegava minha mala e saía correndo dentro do aeroporto. Ele não queria, não queria, toda vez que eu vinha ele dizia: - 'acabou o namoro, acabou o noivado!' [...]. Aí ele sumia um mês, um mês e meio, depois ele voltava e fazíamos as pazes.” (FARIAS, 2011, p. 923)

Por outro lado, quando mulheres atletas se lançam a uma carreira competitiva, utilizam o esporte como profissão e almejam os mesmos pódios, jogando entre homens para ocupar um lugar que é historicamente construído para indivíduos que não menstruam, engravidam e parem, demonstram que, apesar da estrutura de gênero e dos valores masculinos tidos como universais, são capazes de adotar padrões de vida outros além daqueles que já estão destinados e que foram desenvolvidos e adaptados aos homens, com os comportamentos e instituições sociais definidos por eles.

Não trata-se, no entanto, de se referir as mulheres sem alternativas em comparação as que possuem, ao citar exemplos de atletas que deixaram os pódios e as arenas competitivas profissionais para se dedicarem à maternidade ou ao casamento, ou retratá-las na condição de objeto instituído de passividade apenas, mas se reporta a um processo de socialização em uma estrutura social que faz com que os indivíduos escolham seguir caminhos já presumidos do ponto de vista masculino e, portanto, dominante.

A dominação, ainda que silencie de forma sistemática as mulheres, para feministas como Iris Marion Young, não é capaz de totalizar as experiências, existindo agência entre os dominados e formas de ação diferentes dos padrões e moldes estabelecidos convencionalmente; e para outras, como Catharine Mackinnon, é possível também conhecer essas experiências de forma diferente a partir do momento em que são compartilhadas e ressignificadas, para que por meio do reconhecimento e da denúncia seja possível falar em posições reais na ordem social e relações de poder mais igualitárias (BIROLI, 2013).

A importância da presença de mulheres no xadrez, portanto, se assenta também na existência desse pertencimento involuntário que posiciona o sujeito desde o nascimento em um lugar da estrutura social e faz com que ele possua a experiência de encarar o mundo por uma perspectiva específica, que não determina tudo que será capaz de olhar, mas que diz muito sobre a forma como experiencia a realidade e entra em contato com as questões do mundo e suas identidades (YOUNG, 2006). Essa localização na estrutura interfere nas diferentes interpretações dos eventos sociais, de suas consequências, dos significados de regras e ações e a representação de gênero, nesse sentido, é fundamental porque sem as mulheres algumas questões não seriam postas no

mundo público, de produção do conhecimento, nos torneios de xadrez e nos demais ambientes esportivos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade se apresenta, portanto, com uma grande diferença de participação de homens e mulheres no âmbito profissional do xadrez, em suas performances, resultados e permanência. Contrariando os argumentos de que tais discrepâncias possuem caráter congênito e imutável, devem antes ser encaradas como produtos de uma cultura que molda os gêneros para que incorporem características antagônicas de masculinidade e feminilidade – força e fraqueza, agressividade e sensibilidade, razão e emoção – junto à importante consideração de que a experiência de ter um gênero e o processo de socialização em um mundo constituído e definido por homens coloca às mulheres outras demandas e responsabilidades.

Tratando-se, neste trabalho, do esporte não apenas como prática amadora e fonte de lazer, a própria profissionalização das atletas já transcende a noção generalizadora da prática de competições como uma característica própria do *ethos* masculino e sua ampliação pode colaborar para a alteração dessa realidade. As mulheres que dedicam-se integralmente ao esporte, construindo uma carreira e participando de uma cultura, trazem suas trajetórias como argumentos questionadores da ideia de que seriam inferiores em suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais.

Destacando que os esportes e seus cenários muito podem revelar sobre as visões de mundo e as relações entre os sujeitos de uma sociedade – o que justifica o interesse que o tema provocou em razão de suas contribuições teórico-epistemológicas – e que até o momento apresentam-se como ambientes generificados e generificadores, as relações de gênero no xadrez merecem delicada atenção. Por tratar-se de um esporte não físico, em que a atividade com o corpo não constitui o principal instrumento, nem é encarado como violento, à primeira vista poderia ser apropriado pelos indivíduos frágeis sem grandes custos à hegemonia masculina.

No entanto, apesar dos avanços com a criação de federações e

organizações em prol da defesa do desporto para as mulheres, fortes barreiras institucionais, sociais e dificuldades de abrangência continuam a interpelar a inserção das enxadristas, permanecendo muitas vezes, afastadas dos movimentos, invisibilizadas e restritas às particularidades de seu campo esportivo – que a propósito é a segunda modalidade mais praticada no mundo, perdendo apenas para o futebol.

Como não existe competição de xadrez masculina e há exemplos na história de que mulheres, quando em condições semelhantes e se treinadas para a atividade intelectual, podem se tornar Grandes Mestres e jogar xadrez tão bem como os homens, o que justifica a ameaça que representa a vitória feminina, a intenção deste trabalho foi analisar a assimetria nos resultados e demarcar o lugar das mulheres, suas questões e ausências.

Se adentrar esses espaços majoritariamente ocupados por homens ainda constitui-se um grande desafio para as mulheres enxadristas, certamente estudá-lo a fim de entender como estão assentadas, nesse esporte, as relações sociais de gênero e suas mais variadas constituições espaciais, sócio/esportivas e culturais, assim como um campo de análise e construção dessas desigualdades, pode acrescentar tanto nas investigações das ciências sociais sobre gênero e esporte, como ser uma útil ferramenta na tentativa de alçar um ambiente esportivo mais democrático, livre e aberto à participação feminina.

## REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina.** *Rev. Estud. Fem.* 2003, vol.11, n.2, pp.445-465.
- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física.** Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte, UFMG, 1998, 111p.
- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana e AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?"**. *Rev. Estud. Fem.* 2011, vol.19, n.2, pp.491-501.
- BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Kátia. **"Do outside": corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano.** *Rev. bras. educ. fís. esporte (Impr.).* 2011, vol.25, n.1, pp.97-110.

BCC Brasil. **Premiação é menor para mulheres em 30% dos esportes.** Disponível em:  
[www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141028\\_esporte\\_sexismo\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141028_esporte_sexismo_rm)

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, fatos e mitos, vol.1. Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, a experiência vivida, vol.2. Nova Fronteira, 2016.

BIROLI, Flávia. **O público e o privado**, in MIGUEL, Luis Felipe E BIROLI, Flávia. (orgs). *Feminismo e política*. São Paulo: Boitempo, 31-46, 2014.

BIROLI, Flávia. **Opressão e resignificação das experiências**. In. *Autonomia e Desigualdades de gênero*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 16/04/1941, p. 7453.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

DIAS, José Alan. **Húngara joga para demolir superioridade masculina**. F1 Folha uol, São Paulo, 22 nov. 1996. Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/22/esporte/5.html>

DIAS, José Alan. **Enxadrista é educada pelos pais para ser 'gênio'**. F1 Folha uol, São Paulo, 22 nov. 1996. Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/22/esporte/6.html>

ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion**. Fondo de Cultura Económica, 1996.

FARIAS, Cláudia Maria de. **Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras**. *Rev. Estud. Fem.* 2011, vol.19, n.3, pp.911-930.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. **Corporeidade, esporte e identidade masculina**. *Rev. Estud. Fem.* 2011, vol.19, n.3, pp.875-894.

GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas, O antropólogo como autor*. Editora UFRJ, 2009.

International Olympic Committee. **Olympic Charter**, 2016, p.11.

JOHNSON, Daniel. **Rei Branco e Rainha Vermelha**. Editora Record, 2013.

LASKER, Edward. **História do Xadrez**. Editora Ibrasa, 1999.

MELO, Gislane Ferreira de; GIAVONI, Adriana e TROCCOLI, Bartholomeu Torres. **Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas**. *Psic.: Teor. e Pesq.* 2004, vol.20, n.3, pp.251-256.

OLIVEIRA, Vanessa Duarte de. CARVALHO, João Eloir. **Xadrez nas escolas: esporte, ciência ou arte**. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. PUC-PR. Curitiba, 2011.

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado**. *Revista Estudos Feministas*, n. 16, vol. 2, 2008; pp. 305-332.

POLGAR, Laszlo. **Raise a Genius!** Budapest, 1989.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios, **Os limites da autoantropologia**. Ferrari, Florencia. Dullei, Iracema; Pinheiro, Jamille; Valentini, Luísa. São Paulo, Cosac Naify, 2014. 576p.

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma**, Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002.

YOUNG, Iris Marion. **O ideal da imparcialidade e o público cívico.** *Revista Brasileira de Ciência Política*, Dez 2012, no.9, p.169-203.

YOUNG, Iris Marion. **Representação política, identidade e minorias.** *Lua Nova*, São Paulo, nº 67, p. 139-190, 2006.

Grande Mestre. Entrevista concedida, via Skype, a Maria Isabel Trivilin. Maringá, 12 abr. 2018.

Mestre feminina 1. Entrevista concedida, via Skype, a Maria Isabel Trivilin. Maringá, 25 abr. 2018.

---

**Edição especial** – Xadrex, Ciência & Tecnologia

**Enviado em:** 29 set. 2019

**Aceito em:** 20 fev. 2020

**Editores responsáveis:** Valério Brusamolin/ Mateus das Neves Gomes